

A UTILIZAÇÃO DE PORTAIS DE ENSINO COMO FERRAMENTA COMPLEMENTAR NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

Ana Rita de Ávila Belbute Peres¹, Fernanda Menna Barreto²

Resumo. O presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão a respeito do uso de portais como ferramenta auxiliar no ensino de língua inglesa. Inicialmente, é apresentado um resumo das principais metodologias de ensino de inglês, seguido de um breve histórico sobre a relação entre tecnologias e o ensino de língua estrangeira. O tema portais de ensino e alguns aspectos mais relevantes no que tange ao conteúdo de portais de ensino de inglês é abordado posteriormente. O texto finaliza com uma discussão sobre as vantagens da utilização dos portais como uma das ferramentas mais adequadas à situação do aluno atual e ao contexto informativo vigente.

Palavras-chave: Informática educativa. Portais de ensino. Ensino de língua inglesa.

Abstract. This article aims at presenting a discussion on the use of learning portals as a complementary tool for EFL (English as Foreign Language) teaching. Firstly, a review of the main methodologies in EFL teaching and a brief report on the relationship between technology and foreign language teaching are presented. The topic portal and a discussion on the most relevant aspects concerning the content of EFL portals are also approached. The paper is concluded with a discussion on the advantages on the utilization of teaching portals as the most adequate tool for the today's students and the current technological environment.

Keywords: Computer assisted language learning. Teaching portals. EFL teaching.

1 Introdução

Ao longo dos tempos, a tecnologia tem influenciado o homem e provocado mudanças sociais e culturais fundamentais. Na educação, o advento de novas tecnologias de informação e comunicação tem proporcionado diver-

sas formas de ensino-aprendizagem seja na forma de auto-educação, seja na educação a distância. Esse novo cenário ampliou o espectro de oportunidades de ensino para todas as idades

¹ Bacharelado em Letras/Inglês. Escola de Administração do Exército (EsAEx), Salvador, Brasil, peres_ana@yahoo.com.br .

² Mestrado em Linguística aplicada. Escola de Administração do Exército (EsAEx), Salvador, Brasil, nandamenna@hotmail.com .

Cada vez mais jovens e adultos exigem maior variedade de canais de aprendizagem, num sistema de múltiplas escolhas, e em suas próprias casas (PENHA, 2001).

No que se refere ao ensino de Língua Estrangeira, a necessidade de canais diversificados parece ser ainda maior. Mais especificamente, a linguagem se dá em diversas esferas, a saber, a fala, a escrita, a compreensão e a produção. Conseqüentemente, o aluno precisa transitar em todos esses âmbitos para que ocorra a aquisição. Normalmente isso nem sempre é possível em sala de aula.

Para tanto, a *Internet* tem sido considerada uma importante ferramenta pedagógica para o ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Com informações atualizadas em contextos mais atraentes para o aluno, a *Internet* oferece maiores oportunidades de interação do aluno com a língua-alvo e complementação extraclasse do conteúdo trabalhado em sala de aula.

Este artigo apresenta, inicialmente, uma breve discussão sobre as correntes teóricas que tratam da aquisição de língua estrangeira, aqui denominada L2. A seguir, sumariza o desenvolvimento histórico e a utilização das tecnologias que mais impactaram o ensino de L2.

Para finalizar, é apresentada uma discussão à cerca das vantagens e dos aspectos mais relevantes associados à utilização de portais de ensino como ferramenta complementar das atividades desenvolvidas em sala de aula.

2 O Ensino de Língua Inglesa: Principais Metodologias

O ensino de língua moderna, em especial o ensino da língua inglesa, é foco de estudo por mais de um século. Entre modismos e metodologias que revolucionaram o ensino, as variadas abordagens trouxeram muitos enriquecimentos ao ensino de línguas. Segundo Brown (2001), a metodologia atual tende a ser menos restritiva e mais unificada e compreensiva. Entenda-se o termo ‘abordagem’ ou ‘metodologia’ aos moldes de Brown (2001), que os descreve como práticas pedagógicas em geral além de quaisquer considerações que tratem de “como ensinar”.

Segundo Larsen-Freman (1986) e Brown (2001), diversas abordagens³ relevantes de ensino colaboram para estruturar um referencial histórico do ensino de línguas; entre elas se destacam:

³ Algumas abordagens terão suas denominações mantidas em inglês, tendo em vista que a tradução destes termos pode gerar ambigüidades.

(a) “The Grammar translation method” – considerado o método clássico, foi utilizado por vários séculos. Nessa abordagem, o estudo de uma língua estrangeira era relacionado ao estudo de Latim ou de Grego na memorização de declinações e conjugações, na tradução de textos e na prática de exercícios escritos. Essa metodologia tem por objetivo analisar e estudar as regras gramaticais da língua. A prática se dá através da manipulação das regras e através de traduções. Nesse sentido, o objetivo de aprender uma língua estrangeira é o de ser capaz de compreender a literatura nessa língua. Acredita-se que o estudo de uma língua estrangeira oferece um bom exercício para a mente. Em outras palavras, para este método, se o aluno consegue traduzir de uma língua para outra, ele aprendeu a língua; assim, a habilidade de se comunicar não é o objetivo desse método. As habilidades primárias desenvolvidas são a leitura e a escrita. O professor é a autoridade e há pouca interação professor- aluno.

(b) Modelo Audiolingual - o audiolingualismo estava em voga na década de 1960, mas sumiu logo após o famoso ataque de Chomsky⁴ ao behaviorismo no aprendizado de línguas. A abordagem audiolingual é

baseada na teoria behaviorista de aprendizagem que assume que a língua, assim como outros aspectos da atividade cognitiva humana, é uma forma de comportamento. Nessa direção, o aprendizado de língua ocorre através da repetição de comportamentos. O objetivo é aprender a se comunicar através da automaticidade. O aprendizado da língua é um processo de formação de hábitos, logo erros levam à formação de hábitos incorretos. O objetivo principal é a aquisição de aspectos estruturais da língua, não de regras gramaticais.

(c) “Community Language Learning”- Charles A. Curran desenvolveu este método baseado na Psicologia Humanista de Carl Rogers, que sempre acreditou que os adultos se sentem ameaçados em situações de aprendizado. Segundo Curran, o professor deve ser um conselheiro lingüístico, uma vez que o aprendiz é um somatório de sentimentos, intelecto, instintos e reações. Portanto, o professor deve estar atento ao nível de confiança e segurança do aluno para seguir adiante.

(d) “Silent Way” - A abordagem *Silent Way* surgiu no início dos anos 1970 e tinha como princípios a idéia de que

⁴Noam Chomsky é um importante lingüista americano que introduziu o nativismo nos estudos da Lingüística na década de 1950, e revolucionou todos os estudos de aquisição da linguagem.

aprendizado é facilitado se o aprendiz descobre, ao invés de lembrar ou repetir. Segundo essa abordagem, o aprendizado é auxiliado por objetos físicos e a resolução de problemas é central para o ensino. O uso da palavra 'silêncio' também é significativo nessa abordagem, tendo em vista que a abordagem assume que o professor deve fazer o máximo de silêncio possível na sala de aula para que os alunos se sintam encorajados a produzir na língua-alvo.

(e) "Task- Based Approach" - o objetivo desta metodologia é o de oferecer ao aluno um contexto natural para o uso da língua. O aprendizado na forma de tarefa é apresentado através da negociação de problemas entre o conhecimento já existente e o novo conhecimento. É tipicamente dividido em três estágios. No primeiro estágio, o professor introduz e define o tópico e os alunos são inseridos em atividades que os auxiliem a lembrar de palavras e frases que serão úteis para a execução da tarefa. A seguir, os alunos executam a tarefa determinada em grupos ou pares. Então, preparam um relatório para a sala reportando como realizaram a atividade e quais conclusões alcançaram. Finalmente, apresentam os achados para a turma na forma escrita ou falada. No estágio final, o foco é na

língua. Estruturas específicas da língua que foram utilizadas nas tarefas são destacadas e trabalhadas.

(f) Abordagem Comunicativa - esta abordagem enfatiza a competência comunicativa como objetivo principal na aquisição de uma língua. Faz uso, sempre que possível, de material autêntico. O aluno deve ter oportunidade de expressar suas idéias e opiniões. Os erros, nesta abordagem, são vistos como parte do aprendizado e do desenvolvimento das habilidades comunicativas. A língua alvo é instrumento de comunicação em sala de aula e não somente objeto de estudo. Atividades que são realmente comunicativas exigem preenchimento de informação, escolha e feedback. Aprender a usar formas lingüísticas adequadamente é uma parte importante na competência comunicativa.

As abordagens acima relacionadas mostram uma preocupação com a forma com que o conteúdo é transmitido ao aluno ao longo do tempo, além de revelar as mudanças de rumos no ensino de línguas, originárias de estudos não somente ligados à área da Aquisição da Linguagem, mas também à área da Psicologia, da Pedagogia entre outras. Com a introdução de tecnologias no meio escolar, a relação informática e

ensino tem sido discutida com vistas a trazer melhoramentos para a sala de aula.

3 Tecnologia e Língua Estrangeira – Um Breve Histórico

Há algum tempo, a tecnologia e o ensino de língua estrangeira andam de mãos dadas. Segundo Warschauer e Healey (1998), a evolução do uso de computadores associada ao ensino de línguas é consequência de dois fatores associados: a emergência de diferentes abordagens de ensino de L2 a partir da década de 50 e a evolução da tecnologia, com a conseqüente amplificação do acesso da população ocidental ao computador. De acordo com esses autores, a aprendizagem de língua estrangeira auxiliada por computador foi modificando-se em função das diferentes abordagens que se utilizaram das tecnologias como suas ferramentas e ganhando papéis e funções específicas.

A aprendizagem de línguas auxiliada por computador, chamada de CALL (do inglês, *Computer-Aided Language Learning*), surge já nas décadas de 50 e 60 nas universidades norte-americanas. O ensino tradicional em sala de aula deu lugar a laboratórios de linguagem – equipados com cabines, gravadores, microfones e

fonos de ouvido. As atividades nesses laboratórios eram basicamente centradas em padrões de comportamento estímulo-resposta. Acreditava-se, na época, que quanto maior a carga de exercícios de repetições, mais rápido seria o aprendizado. O computador era uma espécie de “tutor mecânico” incansável que fornecia aos alunos oportunidades de repetirem as estruturas gramaticais da língua-alvo sem emitir julgamentos. Apesar de representarem o primeiro passo de integração entre tecnologia e ensino de língua estrangeira, as atividades desenvolvidas nesses laboratórios eram tediosas e desinteressantes para os alunos. A interação professor/aluno era mínima, sem contar as deficiências pedagógicas e as falhas constantes do equipamento. Além disso, as atividades desenvolvidas nos laboratórios se limitavam a fornecer somente *input* auditivo. Essa primeira fase foi denominada CALL *Behaviorista* ou comportamental.

A segunda fase, chamada de CALL Comunicativo, surgiu com o declínio das teorias behavioristas de ensino-aprendizagem, nas décadas de 70 e 80, e com a emergência da Abordagem Comunicativa na aquisição de língua estrangeira. Nessa abordagem o computador deixa de ser o tutor e

torna-se uma ferramenta de aprendizagem que focalizava muito mais os usos da língua-alvo do que suas formas gramaticais. O computador deixava de ser um meio que fornecia *input* ao aluno, mas uma ferramenta capaz de promover o uso e a compreensão da língua-alvo.

Warschauer e Healey (1998) salientam que no início da década de 90 houve uma reavaliação do CALL Comunicativo, juntamente com um avanço nos estudos da abordagem comunicativa de ensino de língua estrangeira, que passava a aceitar uma visão sócio-cognitiva, com maior ênfase no uso da língua-alvo em contextos mais autênticos.

Concomitantemente a essas mudanças, surgiam os meios multimídia e as grandes redes de computadores, em especial a Internet. Em meio a esse novo cenário, o computador passou a fornecer um ambiente onde o aluno utiliza várias ferramentas tecnológicas em um processo de aprendizagem contínuo. Em vez de um laboratório com atividades auditivas, o aluno tem a oportunidade de ler, ver imagens e ouvir, tudo ao mesmo tempo, tanto em sala de aula, quanto em casa.

No Brasil, o ensino de língua estrangeira auxiliado por computador teve seu início bem mais tarde, no final da década de 90, e limitou-se

basicamente a escolas particulares de ensino de idiomas, que podiam arcar com os custos inerentes a essa abordagem. Na escola pública, o ensino de língua estrangeira ainda encontra-se limitado à sala de aula e centrado na figura do professor e do livro didático.

4 A Relação Professor, Aluno e a Internet

A entrada da Internet como novo ambiente de ensino implica a mudança qualitativa nos processos de aprendizagem e não à simples transferência de conteúdos tradicionais para formatos de hipertexto.

A Internet trouxe uma nova forma de aquisição do conhecimento na medida em que exige do aluno aprender a aprender, a manipular o conhecimento ilimitado que lhe é oferecido. Surge um novo perfil de aluno que, conforme Levy (1999), tolera cada vez menos seguir uma forma de ensino tradicional e rígida e que não corresponda às suas necessidades reais, que são tão mutáveis como o é o conhecimento contemporâneo.

O aluno deve estar consciente de sua responsabilidade ao fazer uso dessa ferramenta, pois suas escolhas através do sistema determinarão o acesso a

conhecimentos mais ou menos relevantes para si.

Neste novo contexto, o professor deve incorporar um perfil diferenciado, pois não representa mais o detentor do saber e o principal fornecedor de informação. O acesso ao conhecimento facilitado pela Internet faz com que, em uma simples pesquisa pela rede, o aluno tenha acesso a uma quantidade de informação muito maior do que a que o professor possui ou possa transmitir em sala de aula. Contudo, essa nova relação que se estabelece não torna o professor uma figura supérflua na sala de aula, mas lhe atribui um novo papel: o de facilitador da atividade de aprender.

Mais especificamente, o professor deve estar confortável com esta nova relação professor-aluno-computador em que o aluno, muitas vezes, é o detentor do *expertise* (BUZATTO, 2001).

O professor deve estar preparado para ensinar o aluno a lidar com essa sobrecarga de conhecimento e, além disso, saber como manipulá-la inteligentemente. Para tanto, o professor pode lançar mão de tecnologias diferenciadas que o auxiliem a trabalhar com a constante inovação do conhecimento, a saber: os softwares, a própria Internet e, mais recentemente, os portais de ensino. Os

softwares oferecem acesso ao conteúdo de ensino de forma muito similar à Internet, porém com uma dependência físico-temporal determinada pelo espaço disponível no disco e o momento da gravação do conteúdo. Ou seja, os softwares trazem um tipo de informação que, por mais atualizada que seja, ainda é estanque, pois é dependente do espaço físico do programa. De acordo com Weininger (1996), o uso produtivo da Internet para fins educativos é imenso e seu limite é apenas a imaginação e a criatividade de professores e alunos que a utilizam. Dentre as diversas formas de tirar proveito da Internet em prol da educação está o Portal de Ensino. Os portais de ensino podem se tornar ferramentas úteis para o direcionamento do aluno para um rol de conteúdos mais relevantes às suas necessidades, de forma mais dinâmica e atualizada.

5 A Internet e os Portais de Ensino

Os portais de ensino são ambientes de aprendizagem que oferecem ao aluno a oportunidade de auto-instrução fora da sala de aula. As atividades dos portais de ensino podem ser escolhidas pelos professores de acordo com os currículos e objetivos a serem seguidos.

Apesar de complementarem o conteúdo ministrado em sala de aula, os portais, em sua maioria, não fornecem um ambiente criativo e dinâmico como a abordagem comunicativa exige.

No Brasil, os portais de idiomas disponibilizados na Internet são em pequeno número, restringindo-se a cursos de idiomas particulares. O número de escolas que oferece esse tipo de atividade a seus alunos é muitíssimo limitado, senão nulo. Muitos sítios não são portais propriamente ditos, mas uma compilação de atalhos para outras páginas que fornecem “dicas” para professores e alunos.

Isso ocorre devido ao fato de que uma grande parcela das escolas ainda são ambientes burocratizados, resistentes às mudanças e às inovações, principalmente no que tange à tecnologia.

A situação é diferente em outros países. Muitas universidades e escolas de idiomas oferecem portais de ensino ou sítios bastante desenvolvidos, com inúmeras atividades e com amplo espectro de ferramentas de tecnologias da informação.

Outro aspecto problemático no Brasil é o fato de os professores não estarem preparados para o uso do computador, ou seja, segundo Buzato (2001), há uma falta de letramento

eletrônico. Segundo este autor, o letramento eletrônico inclui o conhecimento e as habilidades necessárias para usufruir da era eletrônica e seus dispositivos. É importante salientar que o letramento eletrônico não deve ser entendido como uma habilidade particular de pessoas muito inteligentes, muito jovens ou com talento especial. O fator determinante para a aquisição do letramento eletrônico, que torna o indivíduo hábil a lidar com computadores, é a exposição a práticas coletivas e tutoriais, ou seja, a vivência prática do sujeito e não sua idade ou nível de desenvolvimento intelectual.

O letramento eletrônico não deve, pois, ser um empecilho ao uso de tecnologias, mas um estímulo de aprimoramento não só para professores de língua estrangeira, mas para educadores em geral.

6 Portais de Ensino de L2

Os portais de ensino de língua inglesa variam em formato e conteúdo oferecido, de acordo com os interesses de seus mantenedores e recursos disponíveis para sua operação. Muitas páginas não são propriamente portais, resumindo-se a sítios com atalhos a outros relacionados. Um estudo de Krajka (2002) apresenta um quadro

comparativo com os principais aspectos encontrados em portais de ensino de língua estrangeira.

6.1 Casos-Modelo Internacionais

6.1.1 Dave's ESL Café (<http://www.eslcafe.com/>)

O autor, Dave Sperling, é um dos pioneiros do uso da *Internet* como auxílio no ensino de língua inglesa para estrangeiros. Professores podem acessar programas do tipo CALL, atividades, jogos e fóruns. Já para estudantes, há atalhos para salas de bate-papo, resenhas de cinema e *quizzes*⁵.

6.1.2 A4ESL.ORG (<http://a4esl.org/>)

Este portal é parte de um projeto conhecido por muitos professores como *The Internet TESL Journal*. Com mais de 1000 atividades direcionadas a estudantes de Inglês como Língua Estrangeira, o foco desse portal está basicamente centrado em *quizzes* interativos (os estudantes recebem uma avaliação de desempenho) e na autonomia do aluno. O portal apresenta exercícios de gramática e vocabulário e aceita contribuições de professores de todas

as partes do mundo.

6.2 Casos-Modelo no Brasil

6.2.1 Extra-learning (<http://www.icbna.com.br/>)

Pioneiro entre os Centros Binacionais, o ICBNA, Instituto Cultural Brasileiro Norte Americano, lançou o projeto *extra-learning*, que fornece aos alunos um portal com exercícios complementares, “dicas” e possibilidade de interação com os professores. Os alunos recebem um código e uma senha de acesso para o portal.

6.2.2 House of English (<http://www.houseofenglish.com.br/>)

É o portal da Escola de Idiomas Yazigi. Esse espaço visa a aperfeiçoar a compreensão auditiva, a escrita, o vocabulário e a gramática. O portal também permite que o professor monitore e acompanhe as atividades dos alunos.

⁵ Exercícios de perguntas e resposta geralmente realizados para verificação da aprendizagem.

7 Discussão

Com base no estudo desenvolvido por Krajka (2002), será realizada uma discussão com o objetivo de destacar alguns aspectos relevantes no que tange ao conteúdo apresentado nos portais de ensino. Em seu trabalho, o autor elencou diversos itens considerados por ele como fundamentais em um portal de língua estrangeira, entre eles: apresentação geral, conteúdo, *links*, funções orientadas ao aluno e ao professor e tópicos de ajuda.

O item conteúdo será aqui enfatizado, pois trata mais especificamente de aspectos relacionados à língua e ao desenvolvimento das habilidades da L2. Dentre os aspectos apresentados pelo o autor, foram selecionados aqueles que mais contribuem para a natureza “complementar” do portal de ensino. O termo complementar aqui se refere à utilização do portal como ferramenta auxiliar ao conteúdo ministrado em sala de aula.

(a) Atividades de compreensão auditiva - esse tipo de atividade nem sempre é viável em sala de aula devido a questões como falta de tempo e número excessivo de alunos em sala. Por outro lado, o acesso a esse tipo de atividade fornece ao aluno atividades quantitativa

e qualitativamente superiores, na medida em que pode ouvir e repetir quantas vezes for necessário para sua compreensão e percepção.

(b) Material escrito originalmente na língua-alvo – o livro texto utilizado em sala de aula não oferece oportunidade do aluno entrar em contato com contextos reais na língua em processo de aprendizado. A diferença entre o material autêntico e o livro texto reside em que o primeiro foi desenvolvido com o objetivo de expressar uma mensagem ao leitor; já o texto encontrado na maioria dos livros destina-se a um determinado fim didático e, por isso, é limitado em vocabulário, tempos verbais e expressões.

(c) Textos com *links* para dicionário - Com esse recurso disponível, o aluno tem acesso a vários dicionários e pode sanar suas dúvidas instantaneamente. Em sala de aula, o acesso a dicionários é bastante restrito devido ao tempo limitado ou, muitas vezes, à falta de recursos das escolas para aquisição desses materiais.

(d) *Quizzes* interativos auto-orientados - quando o aluno estuda sozinho, ele é o gerente de seu aprendizado, cabe a ele escolher o que vai aprender e qual o melhor caminho a seguir. As atividades auto-orientadas, quando planejadas pelo professor, fornecem ao

aluno subsídios para que ele possa executar a atividade e receber, rapidamente, o retorno de seu aprendizado, o que nem sempre é possível em sala.

(e) Prática de pronúncia – A percepção por parte do aluno de sons da língua estrangeira é um aspecto bem problemático, uma vez que a tendência de todo aprendiz é a de perceber os sons desconhecidos como sons semelhantes aos da língua materna. Por isso, atenção especial à distinção entre os sons da língua materna e da L2 requer tempo e atenção do aluno, o que, geralmente, não é possível em sala de aula, pois o aspecto de pronúncia recebe pouca ênfase por parte do professor.

(f) Notícias atualizadas - O livro texto por sua natureza é um tanto estático; além de normalmente ser utilizado por alguns anos, contém muita informação desatualizada, o que gera desinteresse por parte do aluno. Já em um portal, a facilidade de inserção de informações permite que o aluno tenha acesso a textos mais atualizados e, conseqüentemente, mais significativos para o momento que o aluno está vivenciando.

(g) Atividades de produção oral como salas de bate-papo e fóruns - Dentre as possibilidades que um portal oferece, essas atividades são as que

apresentam um apelo maior junto aos alunos. Ao invés de situações simuladas, o aluno estará conversando na língua-alvo em situação real com a possibilidade de decidir o que conversar, em que sala de bate-papo deseja entrar, o tema que escolher, e, em alguns casos, podendo ser orientado por professores *on-line*.

É importante salientar que não se pretende aqui diminuir o papel do ensino em sala de aula. Entretanto, é uma realidade o curto espaço de tempo destinado ao ensino de língua estrangeira no currículo escolar brasileiro, assim como a falta de recursos que auxiliem os professores a desenvolverem as quatro habilidades necessárias para aquisição da L2.

Com base nos itens apresentados, é possível afirmar que o portal de ensino é uma ferramenta complementar ao ensino presencial em sala de aula, pois oferece uma série de oportunidades do aluno entrar em contato com a língua estrangeira de formas diferenciadas.

Sabe-se, também, que a criação e manutenção de um portal não é uma tarefa fácil, porém já existem bons exemplos – como aqueles mencionados na seção anterior – que podem ser indicados pelos professores ou até mesmo por eles utilizados com o intuito

de constante atualização e aprendizado.

8 Considerações Finais

Este trabalho procurou discutir a relação entre tecnologia e educação, mais especificamente, o uso de portais e o ensino de línguas. Sabe-se que as novas tecnologias fazem parte, cada vez mais, do cotidiano do aluno de hoje. Nesse sentido, deve-se repensar a adequação desta nova realidade à situação de ensino-aprendizagem.

O aluno de hoje tem acesso ao conhecimento rápido e à informação em tempo real. O professor precisa, portanto, mudar radicalmente a visão tradicional de ensino. No que se refere ao ensino de línguas, o professor pode oferecer ao aluno um gama de atividades que podem ser trabalhadas mais significativamente com o auxílio da Internet e, particularmente, dos portais.

Este artigo teve por finalidade apresentar as diversas vantagens do uso de portais como ferramenta complementar no desenvolvimento das habilidades da língua inglesa. Também aborda os principais aspectos necessários a formação de um portal de língua estrangeira como ferramenta direcionadora da busca do aluno.

Este trabalho representa um passo

inicial para os professores de língua estrangeira refletirem sobre suas práticas de ensino e um estímulo à utilização de novas ferramentas que incentivem o aluno de hoje a construir seu próprio conhecimento.

Referências

BROWN, H. D. **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language, Pedagogy.** New Jersey: Longman, 2001.

BUZATO, M. E. K. **O Letramento Eletrônico e o Uso de Computador no Ensino de Língua Estrangeira:** contribuições para a formação de professores. 2001, 188p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade de Campinas, Campinas, 2001.

JONES, R. Beyond “Listen and Repeat”: Pronunciation teaching materials and theories of second language acquisition. **System**, v. 25, p. 103-112, 1997.

KRAJKA, J. Training online Teachers of English – The biggest challenge to online learning. In: **Teaching English with Technology – A Journal for teachers of English .**

(2002) : Special post: Conference issue , latefl Poland computer Special Interest Group. Disponível em: <www.iatefl.org.pl>. Acesso em: 18 abr. 2006.

KRASHEN, S. **Second language acquisition and second language learning**. London: Pergamon, 1981.

_____. Aptitude and attitude in relation to second Language Acquisition and Learning. In: DILLER, K. C. (editor). **Individual Differences and Universals in Language Learning Aptitude**. Rowley, MA: Newbury House, p. 155-175, 1981.

LARSEN-FREEMAN, D. **Techniques and principles in language teaching**. Hong Kong: Oxford University Press, 1986.

LEVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

PENHA, V. **A Tecnologia na Aprendizagem da Língua Inglesa : Uma Experiência com a Rede Mai English de Ensino**. 2001. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2001.

SINGHAL, M. **The Internet and Foreign Language Education**. Disponível em: <<http://www.gse.uci.edu/ed168/resume.html>>. Acesso em: 8 jun. 2006.

WARSCHAUER, M & HEALEY, D. Computers and language learning: An overview. In: **Language Teaching**, v.31, p. 51-57, 1998.

WEININGER, M. J. Internet ajuda professores e estudantes de línguas estrangeiras. **Indústria&Comércio, Caderno Idiomas&Mercado**, Florianópolis, SC, p. 8, 12 abr. 1996.